

O *Hódos-meta* na Pesquisa Cartográfica: Uma Experiência Em Tempos Pandêmicos

The *Hódos-Metà* in Cartographic Research: An Experience In Pandemic Times

El *Hódos-meta* en la Investigación Cartográfica: Una Experiencia En Tiempos De Pandemia

Daniele Vitória Lima da Silva

Maria Teresa Nobre

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

Resumo

Esse relato de experiência retrata o processo de uma pesquisa de mestrado que começou junto com a pandemia da Covid-19, em meados de março de 2020 e que, inicialmente, versava sobre uma cartografia de territórios existenciais na migração contemporânea do campo para a cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. O novo cenário exigiu às autoras fazer modificações no projeto inicial e (re)inventar a investigação, desde o seu objeto, objetivos e metodologia, considerando a pesquisa como um campo em constante transformação. Neste artigo pretendemos apresentar esse processo e discutir os efeitos que o contexto pandêmico trouxe ao objeto de estudo, à produção de conhecimento e às pesquisadoras, debruçando-nos sobre a influência do *hódos-meta* na pesquisa cartográfica.

Palavras-chave: Cartografia; *Hódos-meta*; Covid-19.

Abstract

This experience report portrays the process of a master's research that began together with the Covid-19 pandemic in mid-March 2020 and which initially related to a mapping of existential territories in the contemporary migration from the countryside to the city of Natal, capital of Rio Grande do Norte. The new scenario required the authors to make modifications to the initial project and (re)invent the investigation, from its object, objectives and methodology, considering the research as a field in constant transformation. In this article we intend to present this process and discuss the effects that the pandemic context brought to the object of study, the production of knowledge and the researchers, looking at the influence of the *Hódos-Metà* in cartographic research.

Keywords: Cartography; *Hódos-Metà*; Covid-19.

Resumen

Este informe de experiencia retrata el proceso de investigación de una maestría que comenzó junto con la pandemia de Covid-19 a mediados de marzo de 2020 y que inicialmente se relacionó con un mapeo de territorios existenciales en la migración contemporánea del campo a la ciudad de Natal, capital de Rio Grande do Norte. El nuevo escenario exigió de las autoras hacer modificaciones al proyecto inicial y (re)inventar la investigación, desde su objeto, objetivos y metodología, considerando la investigación como un campo en constante transformación. En este artículo pretendemos presentar este proceso y discutir los efectos que el contexto pandémico trajo al objeto de estudio, a la producción de conocimiento y a las investigadoras, observando la influencia del hódos-meta en la investigación cartográfica.

Palabras clave: Cartografía; Hódos-meta; Covid-19

Introdução

A ideia de método como o “caminho certo” de uma pesquisa, nos remete à noção originária do *metà-hodós* (Feijoo, 2018). Indo ao significado etimológico do termo, *Metà* significa “método” e *hodós* significa “caminho”, ou seja, um método que pressupõe o caminho da investigação. Aqui nos propomos a pensar, a partir da cartografia, método de pesquisa-intervenção proposto por Deleuze e Guattari (1997), uma inversão nesse tema, visto que a cartografia busca mais do que o qualitativo ou quantitativo da pesquisa, sendo um de seus pressupostos romper com a separação entre sujeito e objeto, provocando um novo modo de se fazer ciência (Romagnoli, 2009).

Lançando esse novo olhar para a ciência, a Cartografia não trabalha com regras, metas ou objetivos pré-

estabelecidos, não obstante seja uma pesquisa com ação, direção e objetivos que vão sendo traçados ao longo do processo. Passos e Barros (2015) explicitam bem essa característica do método cartográfico:

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*meta-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-meta* (Passos & Barros, 2015, p. 17).

Nos percursos de uma cartografia, essa reversão faz com que o caminho da investigação se torne aberto, e as fronteiras que o método impõe aos horizontes de uma pesquisa, borrados. A vida que pulsa, passa na frente dos procedimentos, e o campo com suas afetações é, ele próprio, quem guia os caminhos sempre tateantes

da pesquisa, nas suas “movências”. Nesta perspectiva situa-se uma relação tanto intensa, quanto inacabada com o campo e com as possibilidades de uma pesquisa-intervenção trans-formadora.

É precisamente sobre a influência do *hódos-meta* na pesquisa que esse artigo se debruça. O trabalho cartográfico aqui descrito relata a experiência de pesquisa de mestrado da primeira autora, sob orientação da segunda, que começou junto com a pandemia da Covid-19, em meados de março de 2020, e versava, inicialmente, sobre uma cartografia de territórios existenciais na migração contemporânea do campo para a cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Tinha como objetivo cartografar as relações de migrantes do campo potiguar com o território da cidade de Natal/RN, a partir de histórias de vida e narrativas do cotidiano.

O fenômeno da migração do interior para a capital é constituinte da produção do espaço urbano de Natal, que começou a acontecer entre as décadas de 1940 e 1950, impulsionado pela crise do algodão que acontecia no estado (Queiroz, 2010). Posteriormente, ganhou novo impulso, em decorrência da construção civil com a presença dos americanos durante a Segunda Guerra Mundial, que demandou edificações militares, como a

Base Naval e a Base Aérea, além de outros serviços, período em que a cidade experimentou grande taxa de crescimento. Este movimento se estendeu para a segunda metade do século XX, onde se evidenciou rápido crescimento urbano, devido à demanda de investimento em habitação e infraestrutura para comportar a população que ali se instalava, assim como o incremento de atividades turísticas (Queiroz, 2010), sobretudo a partir da década de 1980.

Os processos migratórios se constituem de forma histórica e estrutural no país e, em especial, no estado do Rio Grande do Norte, estando ligados à pauperização das populações rurais (Oliveira & Prado, 2013) e sua procura por melhores condições de vida e de oportunidades de estudo e trabalho. Às vésperas da terceira década do século XXI, uma outra Natal, maior e mais moderna existe, no entanto, as migrações continuam ocorrendo do campo para a cidade, numa expectativa de crescimento cada vez maior (Calegare, 2015).

Considerando esse cenário, a pesquisa inicial pretendia ir na contramão da discussão feita por alguns/algumas pesquisadores/as que abordam a migração sob a perspectiva das políticas públicas, dos planos diretores, do processo de verticalização da cidade e do

desenvolvimento de atividades turísticas, que impulsionaram o crescimento territorial, populacional e a modernização da cidade. Nosso interesse era ir além desses aspectos e nos voltarmos para os recursos subjetivos dessa escolha em migrar e residir na cidade grande, colhendo o que há de “invisível” ou não dito nessa relação com o território, que escapa aos planos diretores, projetos urbanísticos e afins.

Com isso, almejava-se conhecer aspectos da sociedade potiguar, de forma a possibilitar uma melhor compreensão do fluxo migratório contemporâneo norte-rio-grandense, desde o momento anterior à partida até o momento atual na cidade de destino: formas de ocupação do espaço, modos de sociabilidade, identidade territorial, afetações, noções de pertencimento etc. Pretendia-se, ainda, contribuir com respaldo teórico acerca do espaço social urbano da cidade, buscando cartografar a migração enquanto um dos aspectos que produz um certo modo de desenvolvimento local, e dar visibilidade às histórias de vida que ficam à margem dos planos urbanísticos, narradas por migrantes que vieram do campo para a cidade de Natal, entre os anos de 2001 e 2019.

No entanto, da noite para o dia os jornais começaram a anunciar que um

vírus mortal estava entre nós, transmitido pelo ar e por contato humano; a pandemia do Sars-Covid19 tomava cada vez mais amplitude. Conhecer histórias de vida das pessoas e narrativas sobre o cotidiano da cidade, tornou-se, assim, um projeto de execução impossível. E assim como a vida toda mudou, o projeto da pesquisa precisou se reinventar em todas as suas nuances.

Descrevendo esse cenário desafiador, o objetivo deste relato de experiência é discutir os efeitos que o contexto pandêmico trouxe ao objeto de estudo, à produção de conhecimento e às pesquisadoras. Na discussão de como a pesquisa se processou damos ênfase aos aspectos metodológicos, buscando pôr em evidência discussões entre o método da cartografia e o *hódos-meta*. Na busca por construir algumas pistas para enlaçar este trabalho, que ocorreu de maneira tão singular, nos amparamos em comentadoras/es e pesquisadoras/es brasileira/os sobre a cartografia (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015; Passos & Barros, 2015; Romagnoli, 2009; Kastrup & Passos, 2013), no diálogo com o nosso campo e com os desafios que encontramos.

Acompanhando Processos

Fazia parte da pesquisa o desejo de caminhar pela cidade, senti-la, se deixar afetar pelas suas cores e cheiros e, evidentemente, encontrar pessoas, ir até suas casas para uma entrevista semiestruturada e acabar tomando um café com bolacha, enquanto contávamos histórias um/a do/a outro/a. Mas lá vem a vida!

A notícia da pandemia mudava tudo para todas e todos nós, deixando marcas que provavelmente nos acompanharão por toda nossa vida. Isso não só impactava a nós, como sujeitos, mas também implicava profundamente na continuidade da pesquisa. Em todos os lugares estava a frase: “Fique em casa!”, que tornou-se mais do que uma campanha, era um jargão, em todos os lugares só se falava na “peste”. Com isso, países fecharam suas fronteiras contra a entrada do mais temido e novo estrangeiro, a Covid-19; e no corpo, a nova fronteira tornou-se a máscara, o seu ar deve ser apenas seu, a nova fronteira é a epiderme (Preciado, 2020). Como dizia Deleuze (1974), parafraseando Paul Valéry, “o mais profundo é a pele” e essa foi a nossa fronteira, a guerra a ser travada é na superfície, contra um inimigo invisível. Se ele entra, se ele perfura todas as barreiras, o que será de nós? Lutando incansavelmente contra isso,

trabalhadoras/es da saúde e pesquisadoras/es de todo o mundo nos davam notícias, normas e novas ordens para seguirmos e nos mantermos vivos. É bem provável que nunca mais vivenciaremos tamanha imposição biopolítica, como um poder capaz de gerir a vida e a morte das pessoas (Foucault, 1979), decidindo, em meio a essa guerra, quais corpos podem ser salvos e quais podem ser descartados, pois as fronteiras erguidas não são para todos/as nós.

Foi no meio de tudo isso que uma pesquisa que ansiava experiências enriquecedoras pela cidade, precisou ficar em casa. O que uma cartógrafa pode fazer dentro de casa? Para tudo que estava planejado fazer havia risco de contaminação e, além do mais, todos os comércios, escolas, universidades e áreas de lazer foram fechadas, a ordem mundial era de quarentena – cada um nas suas casas, em isolamento social por tempo indeterminado. Instaurou-se um pânico geral por todas as cidades e, então, absolutamente tudo parou.

Como foi difícil continuarmos a pesquisa! Além de todo o pânico inerente a uma pandemia, como pesquisadoras, aquilo nos trazia grandes afetações: Então não é possível ir à rua? A cidade fechou? Como continuar o trabalho? Parecia impossível. No entanto, com o tempo,

fomos percebendo que o que era possível naquele momento era continuar o que já estava sendo feito: cartografar a vida, do modo como ela se apresentava.

De fato, de uma maneira ou de outra, o campo de pesquisa sempre se apresenta para nós, ele nos dá pistas. Tais pistas são aquilo que guiam toda a diretriz cartográfica de uma pesquisa, estando imbricados nisso o objeto de estudo, a pesquisadora ou pesquisador e os resultados. Estes elementos, juntos, constituem um plano de experiência e é nesse plano que a cartografia emerge como método de pesquisa (Passos & Barros, 2015).

Compreendendo que o percurso investigativo compõe a pesquisa cartográfica, não dá para supor de antemão tudo o que fará parte do estudo, ou seja, a pesquisadora ou pesquisador terá em mãos algumas pistas de como se dará seu trabalho, mas é apenas no plano de experiência que ele incidirá. Nesse percurso de pesquisa, jamais imaginamos que uma pandemia em 2020 iria nos fazer modificar todo o nosso planejamento. Foi preciso direcionar o trabalho do saber-fazer para o fazer-saber (Passos & Barros, 2015), encontrando um “caminho” metodológico.

Dadas as intempéries relatadas até aqui, é importante reiterarmos a

delimitação do problema de pesquisa, que encontrou sentido em ser “com” o cotidiano de migrantes universitários/as durante a pandemia. Como cartógrafas, decidimos ter contato com a experiência da pandemia enquanto ela ainda estava acontecendo, em outras palavras: era desejado “acompanhar esses processos”, e encontrar possibilidades de fazer isso em um cenário tão atípico.

Considerando a migração enquanto processo que redefine as relações de territorialidade da pessoa com o lugar em que ela habita, compondo um novo território material e existencial, a redefinição do objetivo da pesquisa consistiu em conhecer o impacto da pandemia da Covid-19 no cotidiano de migrantes universitários, questionando: Como é a experiência de ser migrante universitário/a numa pandemia, estando confinada/o num território novo, dentro de casa? Em busca de possíveis respostas, foram definidos como objetivos específicos: retratar o cotidiano de migrantes universitários, em casa e na rua; e conhecer quais formas de enfrentamento estavam sendo utilizadas por esses sujeitos para lidar com a pandemia cotidianamente.

A escolha por migrantes universitários/as como sujeitos da pesquisa se deu por ser a mestranda uma pessoa também migrante e por sentir na carne os

efeitos da pandemia sobre o seu próprio objeto de pesquisa e condições de vida. Compartilhar os impactos de uma desterritorialização tão incomum e a produção de novas reterritorializações nesse cenário com colegas e amigos/as, desembocou no desejo de pesquisar sobre o efêmero cotidiano citadino, tomando como público-alvo migrantes universitários que também vieram para Natal nesse período. A eles/as chamamos coprodutores e coprodutoras da pesquisa, dada a construção coletiva de todas as fases do trabalho de campo.

Recursos Metodológicos: Pistas Para Um “Fazer Pesquisadora”

Como dito em linhas pretéritas, a pesquisa cartográfica se faz por pistas que conduzem a pesquisa (Passos & Barros, 2015). Pensando nisso, foi preciso delimitar algumas para conseguirmos dar continuidade ao trabalho.

Pista 1: A Pesquisa

No caminho metodológico, algumas certezas já estavam bem delimitadas desde o projeto inicial: a pesquisa seria um estudo empírico na cidade de Natal e assim permaneceu. Além disso, também era tácito que as narrativas

e histórias de vida de algumas pessoas fariam parte desse trabalho. Essas duas foram consideradas pistas fundamentais intimamente ligadas às bases dessa pesquisa, que se constitui em Natal e com as pessoas.

Assim, já havia um caminho por onde começar: o lugar e as pessoas, o saber-fazer. A partir disso, era necessário encontrar o fazer-saber. E o que fazer com tudo isso? Foi questionando dessa maneira, traçando linhas e olhando para o plano de investigação enquanto um campo aberto, que sofre constantes modificações (Hur, 2021), que as outras duas pistas foram se apresentando.

Neste estudo, a cartografia foi imprescindível enquanto uma forma de compreensão e atuação da/na pesquisa (o que fazer e como fazer); bem como, facilitando o encontro com o campo, em todas as suas singularidades. Isso só foi possível graças ao seu caráter de conseguir abarcar as complexidades e indeterminações inerentes ao pesquisar, dada a sua capacidade de perscrutar o coletivo de forças de cada situação, não se curvando aos dogmas reducionistas e instaurando uma nova forma de produzir conhecimento (Romagnoli, 2009).

Assim, foi possível nos moldarmos ao que o campo de pesquisa demandava, construindo um fazer-saber (Passos &

Barros, 2015), trabalhando “com” os objetos e com aquilo que estava emanando, seja devido ao contexto social, seja individual, de cada história que nos foi apresentada.

Dito isto, é possível afirmar que o método cartográfico nos permitiu conexões, abertura e uma nova postura enquanto pesquisadoras. Mas para que tudo isso fosse possível, também foi preciso contar com algumas contribuições da etnografia virtual, que nos permitiu, dentro do contexto pandêmico e de isolamento social, ter acesso às/aos s coprodutores e coprodutoras da pesquisa e, assim, conseguir alcançar os objetivos deste trabalho.

Antes de narrarmos como tudo isso se deu na prática, é importante pontuar algumas considerações sobre a etnografia virtual, visto que ainda é um campo em descoberta. Polivanov (2013) traz em seu trabalho diversos termos que podem ser utilizados para se referir a esse método: *netnografia*, etnografia digital ou virtual, *webnografia* e *ciberrantropologia*. Cada nomenclatura designa uma maneira própria de realizar uma pesquisa. Neste trabalho, foi utilizada a etnografia virtual, que tem como objetivo explorar ao máximo as redes digitais e sociais numa investigação, com foco nos vínculos que se estabelecem entre pesquisador/a e o

campo. Além disso, é um método que também visa a criação de narrativas audiovisuais coletivas, de maneira que os temas abordados consigam chegara diferentes interlocutores, até mesmo extra-acadêmicos (Polivanov, 2013).

Também é importante falar que, mesmo em se tratando de uma pesquisa no ambiente virtual, as bases da etnografia precisam ser mantidas, como “a imersão em um caso particular, a referência a uma localidade específica e a observação participante” (Polivanov, 2013, p. 65), que definem um modo de estar em campo¹. Sabendo disso, definimos as redes digitais a serem utilizadas em cada fase da pesquisa (*o instagram, o whatsapp e o google meets*) e o que poderia ser desenvolvido a partir delas.

Pista 2: As Pessoas

A proposta de investigação inicial era estudar “com” o cotidiano, e qualquer estudo que se aventura a isso só se sustenta se acontecer “com” as pessoas que lhe dão vida. Para isso, é essencial a presença das pessoas na pesquisa, aquelas que dão vida às práticas, como também é importante o lugar e o contexto nos quais essas práticas ocorrem, para que ele aconteça com o cotidiano e com as pessoas, e não sobre o cotidiano ou sobre as pessoas. Ao compreender a pesquisa dessa maneira,

entendemos que esse trabalho só faria sentido se o contexto da pandemia, que todas e todos nós estávamos vivenciando, estivesse dentro da pesquisa.

No entanto, as técnicas investigativas tradicionais não nos permitiriam alcançar esse objetivo dentro desse campo. Foi dessa maneira que o *hódos-meta* atravessou essa pesquisa, delimitando os recursos metodológicos, pois, para dialogar com a sucessão de acontecimentos que chacoalharam o cotidiano, cheio de ligações rizomáticas, as práticas metodológicas precisaram ser repensadas. Foi nesse momento que precisamos incorporar uma metodologia virtual a tudo que estava sendo planejado. Para seguir esse fluxo descontínuo que é a vida das pessoas, a etnografia virtual foi conjugada à cartografia, métodos que, em conjunto, foram valiosos para execução desse trabalhoⁱⁱ.

Esse percurso metodológico se deu de maneira muito artesanal, exigindo uma escuta atenta ao campo e às pessoas envolvidas para chegarmos a um plano comum, conectando as diferentes forças desejantes, individuais e grupais presentes na experiência, onde estão agenciadas teoria e prática, sujeito e objeto (Kastrup & Passos, 2013; Passos & Barros, 2015).

Com a etnografia virtual, pudemos ter acesso aos migrantes universitários que

fariam parte do estudo. Devido ao contexto de isolamento, não era possível ter contato com outras pessoas, senão com o próprio ciclo social da universidade da primeira autora, e foi dessa forma que mais uma parte do trabalho se definiu atrelado às intempéries da pandemia, restringindo o nosso público a migrantes universitários. Essa também foi uma atitude que decidimos sustentar enquanto pesquisadoras, buscando romper, mais uma vez, com a ideia hegemônica do fazer científico e nos mantendo ainda mais aproximadas do nosso objeto, desatando a separação que se espera entre pesquisadora e objeto de estudo e pesquisadora e campo de pesquisa (Romagnoli, 2009).

Definidas as possíveis pessoas participantes, o primeiro contato com cada coprodutor/a foi através do *whatsapp* e pelo *chat* do *instagram*. Essas pessoas foram nos indicando outras pessoas, num formato “bola de neve”. E assim aconteceu. Com isso, chegamos a um total de cinco pessoas migrantes universitárias que estavam passando a quarentena na capital potiguar. Elas escolheram como pseudônimos bairros da cidade de Natal. São elas: A coprodutora Cidade Alta, mulher cis e branca, potiguar de 24 anos, estudante e profissional autônoma. A coprodutora Neópolis, mulher cis e preta, carioca de 28 anos, mãe, estudante e

profissional autônoma. O coprodutor Rocas, homem cis branco, de 24 anos, potiguar e estudante. O coprodutor Potilândia, paulista, homem cis e preto, de 22 anos, estudante e escritor. A coprodutora Parque dos Coqueiros, mulher cis e preta, de 26 anos, potiguar, estudante e profissional da saúde.

De início, foi explicada via *whatsapp* toda a pesquisa, seus objetivos, como se daria sua participação e todos os passos que seriam dados a seguir, bem como a entrega e assinatura do RCLE (Registro de Consentimento Livre e Esclarecido). Todas as demais fases da pesquisa também aconteceram virtualmente.

Pista 3: O lugar e as histórias: o desenho de um percurso metodológico

Com os pés firmes nas areias da cidade de Natal, foi preciso atentar em como chegar até ela sem, de fato, percorrê-la. Novamente, a etnografia virtual se mostrou uma grande aliada. Nós já tínhamos conseguido chegar às pessoas, agora era necessário pensar em como essas pessoas fariam para nos contar sobre elas mesmas, suas histórias de vida e migrações, o que nos traria um escopo sobre as migrações para a cidade de Natal e essa vivência cidadina. Nosso objetivo

era chegar nisso, então precisamos encontrar recursos metodológicos que nos trouxessem o máximo de detalhes.

Em quarentena, sem poder sair de casa, o tato e o olfato foram sentidos perdidos e essa é uma perda que pode ser muito cara para quem se propõe a fazer uma pesquisa cartográfica. Assim, não foi possível visitar, tocar, sentir com os pés, mãos e o corpo por inteiro. Mas ainda era possível contar com outros sentidos e foi preciso trabalhar para apurá-los. Para esse estudo, percebemos que o único método para conhecer as histórias das pessoas era através do seu olhar e da sua fala.

Foi assim que a fotografia precisou adentrar nessa pesquisa enquanto recurso metodológico: necessária, precisa, poética. Interlocutora entre os nossos olhares, exercendo um papel de comunicação, entendendo que esta atinge todos os órgãos de sentido, não se reduzindo apenas à fala, se alargando também à visão e aos outros sentidos do corpo (Justos & Vasconcelos, 2009).

Ora, vejam o diálogo que a fotografia mobiliza. Ao mostrar uma fotografia de sua autoria para alguém, é muito provável que esse alguém reivindique alguns adendos: “Quem é essa na fotografia? O que ela está fazendo? O que está acontecendo?”. É necessário narrar a fotografia e, em certos momentos,

é narrando a fotografia que narra-se a si mesmo. Seu olhar, sua história, seu objeto de admiração... fotografa e narra.

Ao integrar fotografia, narrativa e vivência, chegamos ao que Pelacani (2018) denominou de “fotoescrivência”, uma metodologia derivada da Escrivência, da autora Conceição Evaristo (2005), cidadã brasileira, negra, mulher, mãe, empregada doméstica, professora, mestre e doutora em Letras e Literatura. Sua escrita-vida demarca as opressões de raça, gênero e classe vividas por ela mesma, mas também por muitos de nós. Suas narrativas provocam desconforto, tristeza, desesperança, mas também alegria e identificação.

Foi pensando em provocar essa escrita viva através de um olhar fotográfico que chegamos à metodologia da fotoescrivência (Pelacani, 2018), que entrelaça todos os fios condutores deste trabalho. Para a autora, as fotoescrivências não se restringem apenas a uma simples vivência ou produção de narrativas visuais, elas são, na verdade, uma ampliação da percepção sobre a fotografia, que é capaz de inaugurar discursos e relatos visuais cruciais para a história que ali está sendo retratada.

Seguindo esse percurso metodológico, a pesquisa contou com três fases:

Fase 1 “O Diário fotográfico da pandemia”: Nessa fase, pedimos que cada um e cada uma nos enviasse via *whatsapp* uma fotografia por dia, durante dez dias, que retratasse o seu cotidiano dentro de casa e ao sair na rua, se isso viesse a acontecer.

Fase 2 “uma entrevista semiestruturada”: A segunda etapa da pesquisa contou com uma entrevista virtual semiestruturada, na qual foram abordados os tópicos: Migração para Natal; Pandemia e COVID-19; Relações cotidianas em casa e na rua; e Trabalho/Estudos durante a Pandemia. Todas as respostas e conversas foram registradas em diário de campo. Além dos dados construídos, que foram alvo da análise, essas entrevistas se tornaram narrativas coproduzidas entre a primeira autora e cada participante, almejando narrar a sua história de migração.

Fase 3 “A fotoescrivência e o mural virtual”: nessa fase, foi proposto um momento de socialização entre o grupo, em que cada coprodutora/coprodutor entrou em contato com pelo menos uma das fotografias do Diário Fotográfico de cada participante. Tudo ocorreu via *Instagram* (privado, aberto apenas para

coprodutoras/es da pesquisa), compondo uma espécie de mosaico virtual.

Segundo Pelacani, Sánchez, Alvez e Renaud (2019, p. 5), a junção da fotografia com a escrevivência “aponta para a criação de narrativas outras a partir de olhares outros, em dissonância com a ciência eugênica, positivista e patriarcal”. Esta é uma metodologia que permite a imersão no campo, mesmo que virtualmente, ao passo que também dá autonomia às pessoas participantes da pesquisa e traz, ainda, uma materialidade dos dados colhidos na forma de registros fotográficos e investigativos, acessando-os pelo sensível o que é indizível (Pelacani, 2018).

Com a fotografia e a narrativa aliadas, conseguimos ter a visão e audição apuradas, fazendo dos olhos dos/as coprodutores/as os nossos, e das suas falas, narrativas. Para construção desses escritos foi essencial o uso do diário de campo, um instrumento de registro de informações, que permitiu descrever de maneira densa as ações, conversas, encontros, pensamentos e afecções oriundas do campo de pesquisa (Oliveira, 2014). Estava aí uma pista para nos conectarmos com as histórias, os lugares e as pessoas. Estava aí uma pista para como dar corpo e continuidade à pesquisa.

A fotoescrevivência nos permitiu unir os registros fotográficos e as narrativas das histórias dessas migrações, bem como, o cotidiano pandêmico que cada uma dessas pessoas estava vivenciando. Para que as pessoas tivessem acesso a esse conteúdo, utilizamos o *Instagram* como ferramenta (privado, aberto apenas para coprodutoras/es da pesquisa), compondo uma espécie de mosaico virtual, o que também possibilitou que as pessoas participantes pudessem interagir entre si, curtindo as fotografias umas das outras.

O Hódos-Meta Na Pesquisam Cartográfica

O movimento descrito até aqui, de caminhar para chegar ao problema e ao método da pesquisa, é descrito pelo método cartográfico como *hódos-meta* (Passos & Barros, 2015), que consiste numa inversão do modo tradicional de se fazer pesquisa, no qual o método vem antes, metas pré-fixadas vem antes (*meta-hodos*). O que fizemos foi traçar no próprio percurso da pesquisa as nossas metas e objetivos, revendo o que era possível fazer num campo em transformação e a partir disso traçando o “nosso” método, invertendo a ordem tradicional do *meta-hódos* da pesquisa.

Isso é possível na cartografia, pois ela não parte de um modelo pré-estabelecido, pelo contrário, ela questiona o objeto de estudo pelos olhos de uma fundamentação própria, reafirmando seu contraste com as concepções hegemônicas científicas (Romagnoli, 2009).

A partir dessas pistas, foi possível traçar um percurso de pesquisa em que os seus efeitos são sentidos no método, no objeto, em nós e nos nossos resultados, dado que a produção de conhecimento para a cartografia se dá “a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele [pesquisador]” (Romagnoli, 2009, p. 170).

Há muito para onde olhar num mapa, por isso, paradoxalmente, é fácil nele se perder. Assim, nos perguntamos ao final do percurso: Afinal, qual o lugar mais importante de um mapa? Fazendo eco a Zeyn Joukhadar (2020, p. 214) escritor sírio, em “Mapa de sal e estrelas” uma bela narrativa sobre a migração forçada da jovem Nur que em meio a protestos, conflitos e bombardeios durante a guerra civil de 2011 na Síria, deixa o país com sua família, pensamos: “Os pontos mais importantes de um mapa são aqueles para onde não fomos ainda”. Seria possível não

nos perdermos no caminho? E, ao mesmo tempo, seria possível não nos fecharmos nos movimentos desse mapa em construção? Essas são as indagações do/as cartógrafo/as com quem dialogamos neste percurso:

Encarnando uma política da invenção, como não se perder durante a caminhada? Como o método pode constituir uma orientação quanto ao modo de seguir com a pesquisa sem, por outro lado, fechar a investigação ao movimento e aos processos que ela se propõe a acompanhar? (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015, p. 205)

Assim é o *hódos-méta* na pesquisa cartográfica: uma política de invenção, um lugar ou um caminho que ainda não conhecemos e que nunca conheceremos por inteiro, porque sempre aberto, sempre por fazer, sempre inconcluso, sempre provisório. Um mapa que pode se modificar a cada novo trajeto ou percurso, e que ao fazê-lo, nos transforma também. É com essa perspectiva da construção de uma “obra aberta” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2015) que descrevemos a seguir: onde o *hódos-métanos* guiou e o que nos fez encontrar.

Na pesquisa cartográfica, há um desenho que se forma; em algumas, ele é mais tátil, em outras, mais abstrato. Nessa pesquisa, ele ergue-se à nossa frente, tomando corpo e ganhando território, conceito muito caro a essa pesquisa. Segundo Haesbaert (2006), para que seja possível compreender os fluxos migratórios, o território precisa ser pensado na forma de um território-rede. Essa rede pode ser imaterial, constituída na relação dos migrantes com o espaço, nas suas memórias e trajetórias singulares, como um grande conjunto de pontos e linhas (Saquet & Mondardo, 2008), ou seja, como num mapa, que vai ganhando seus contornos a partir das relações, histórias e, principalmente, pessoas.

Assim como os mapas, nós também somos feitos de linhas, como afirmam Deleuze e Guattari (1996), sejam linhas de vida, de escrita, de fusos, de caminhos, de entrelinhas... somos seres feitos de linhas impostas e inventadas que se inter cruzam rizomaticamente, desenhando um mapa de maneira muito particular. Essas linhas e os conjuntos que elas formam versam sobre a macropolítica e a micropolítica, compreendendo que, para cada uma delas, existem elementos bem determinados: as classes sociais, os gêneros, as raças (molares); e os elementos menos localizáveis: “fluxos e partículas que

escapam dessas classes, desses sexos, dessas pessoas” (moleculares) (Deleuze & Guattari, 1996, p. 63).

As pessoas que compõem essa pesquisa, em seus devires mulheres, estudantes, negros e negras, homens, gays, estudantes, migrantes, trabalhadoras, em seus locais de moradia e suas afetações e rupturas, também compõem um mapa. Nele, é possível enxergar três tipos de linhas, como apresentadas por Deleuze e Guattari (1996): as linhas de segmentariedade duras ou molares, as linhas maleáveis ou moleculares e as linhas de fuga. Cada uma em seu modo de funcionamento, interferindo-se mutuamente e, algumas vezes, de maneira imperceptível (Deleuze & Guattari, 1996).

Em seus atravessamentos, a primeira dessas linhas, de segmentariedade dura, busca manter a ordem de um dado contexto social instituído, que se fixa e se segmentariza em binariedades rígidas: homem-mulher, rico-pobre, negro-branco (Cassiano & Furlan, 2013). Enquanto a linha de segmentariedade maleável ou molecular pressupõe uma maior fluidez e um funcionamento rizomático, abrindo possibilidades para criações desejantes que fogem a uma lógica pré-estabelecida (Cassiano & Furlan, 2013). Já a terceira linha, a linha de fuga, esta não possui qualquer segmento, acontece como uma

ruptura abrupta. Deleuze e Guattari a define como “a explosão das duas séries segmentares” (1996, p. 63) ou “uma espécie de desterritorialização absoluta” (1996, p. 64). Elas são linhas muito ativas que podem promover mudanças bruscas e muitas vezes, imperceptíveis, chegando a desfazer relações bem estabelecidas (Cassiano & Furlan, 2013).

No cruzamento de todas essas linhas, um mapa vai ganhando forma, compondo uma cartografia. Foi traçando essas linhas que construímos artesanalmente o mapa cartográfico dessa pesquisa, com suas tessituras, nós e rupturas. Para delimitá-lo foi preciso seguir as seguintes perguntas: onde as histórias se cruzam ou se chocam? Onde esses sujeitos se encontram? Onde há rupturas da vida, das estratificações, das relações?

No nosso mapa (Figura 1), a universidade ganhou destaque, pois ela é um ponto de encontro entre todas as pessoas participantes da pesquisa, um lugar pelo qual cada uma passou em seus trajetos. Sendo assim, visualizamos uma linha pontilhada que representa a rota que essas pessoas geralmente fazem em suas andanças até o campus universitário, saindo do bairro onde cada um e cada uma está morando. Foi traçando essa linha que percebemos que a linha de cada

coprodutor/a se encontra com a de outro coprodutor/a, formando um tracejado que ora se sobrepõe, ora é paralelo, desenhando percursos citadinos similares. Essas linhas nomeamos de Linhas de Encontros.

Agora imaginando esse mapa ampliado, mostrando todo o Rio Grande do Norte e todo o Brasil, seria possível perceber que as linhas ganham outros contornos, saindo de um bairro de Natal e indo para uma outra cidade ou estado do país, ao se desenhar (e cartografar) a migração feita por cada uma dessas pessoas e seus trajetos desviantes. Essas linhas denominamos de Linhas de Errância.

As Linhas de Encontro são equivalentes ao plano molecular, de segmentariedade maleável, que vão operar por fluxos que buscam conexões e prolongamentos fora dos circuitos significantes (Romagnoli & Silva, 2022), enquanto as Linhas de Errância são equivalentes às linhas de fuga; as Linhas de Solidez por sua vez, correspondem ao plano molar, de segmentariedade dura, que operam por segmentarizações, classificações e organizações binárias com base em centros de referência, como raça, classe, gênero (Romagnoli & Silva, 2022).

Para que essa discussão ganhasse contornos, alguns percursos de análise

foram seguidos, são eles: a migração, que contempla o histórico desse êxodo interior-capital ou capital-capital, as motivações, e a permanência na cidade de chegada; a relação com Natal, abrangendo os aspectos de TDR (Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização), moradia, afetações e pertencimento à Cidade do Sol; e a relação com a própria Universidade, englobando a inserção na lei de cotas, as políticas de permanência, o ensino remoto e suas afetações. Tudo isso sem esquecer que a pandemia da COVID-19 é tema transversal.

Seguindo esses percursos e traçando linhas, temos a composição de um mapa de pesquisa que se fez de maneira muito artesanal, no encalço de um campo em transmutação. Esse mapa desemboca em resultados que dizem sobre a desterritorialização e reterritorialização desses migrantes não só na cidade de destino, mas também nas suas vidas, dado o contexto em que se passa. Para dar vazão a isso, foi necessário utilizar astúcias cotidianas (Certeau, 1998) para reinventar a si e ao seu entorno, buscando formas de resistir ao peso e à monotonia dos dias pandêmicos.

Algumas considerações para não finalizar

Foram muitas as dificuldades impostas pela pandemia a pesquisadoras e pesquisadores: a impossibilidade de ir presencialmente ao campo, as aulas e orientações interrompidas, a saúde mental fragilizada... só para citar algumas. Nesse cenário, muitas pesquisas precisaram ser modificadas radicalmente, outras sequer aconteceram. Foi preciso reinventar outros meios, reaprender a pesquisar e isso exigiu muito de nós, comunidade científica.

Na experiência que aqui relatamos, foi preciso modificar toda a nossa metodologia e recorrer integralmente ao modelo virtual, para nos protegermos dos perigos lá fora e para que a pesquisa pudesse ter continuidade. Parte dessa reinvenção só foi possível devido à cartografia e sua proposição de inversão do método tradicional de se fazer pesquisa, o hódos-meta, e a etnografia virtual, que, com sua plasticidade, nos permitiram chegar ao campo de pesquisa. Assim, o uso da fotografia, do diário da pandemia, da fotoescrivência e do mural virtual, foram tomados como dispositivos impulsionadores da produção de informações, relações e encontros na pesquisa.

Com as pistas aqui apresentadas, (1) a pesquisa, (2) as pessoas, (3) o lugar e as histórias: o desenho de um percurso metodológico, é possível perceber a

construção de um caminho metodológico que foi sensível aos movimentos do campo (Passos, 2019), construindo-o no seu próprio caminhar, seguindo os fluxos das pessoas, das suas histórias num cotidiano pandêmico, da cidade, do território. Assim se constitui uma cartografia como método de pesquisa, num movimento construtivista de traçar linhas com o movimento do fenômeno pesquisado (Hur, 2021).

Essas pistas foram como um território de ancoragem para que a cartografia pudesse se desenvolver (Hur, 2021), uma “porção de terra firme” com o qual pudemos traçar um mapa cartográfico da pesquisa, que surge ao exercer um trabalho como esse e o acompanha em todo o seu processo de continuidade. Pois entendemos que a cartografia não se insere na pesquisa apenas na seção sobre o método, ela está presente em toda a construção do trabalho, como um modo de fazer e de pensar que nos atravessa (Albuquerque, Hennigen & Fonseca, 2018).

Esperamos que as discussões aqui levantadas possam contribuir com as pesquisas em ciências humanas, especialmente no campo da psicologia, e também para que sirva como ampliação dos horizontes para pesquisas realizadas

no modelo virtual e/ou em cenários atípicos.

Referências

- Albuquerque, A. S., Hennigen, I., & Fonseca, T. M. G. (2018). Cartografias no ciberespaço: experimentações metodológicas em espaços híbridos. *Psicologia & Sociedade* (30), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174086>
- Calegare, M. G. A. (2015). Rural-urbano, estudos rurais e ruralidades: Saberes necessários à Psicologia Social. In A. F. Lima, D. C. Antunes, & M. G. A. Calegare (Eds.), *A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil* (pp. 437-457). Porto Alegre, RS: ABRAPSO.
- Cassiano, M. & Furlan, R. (2013). O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 373-378.
- Certeau, M. (1998/2014). *A invenção do cotidiano: as artes do fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (vol. 5). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G. (1974). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Evaristo, C. (2005). Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Barros, Nadilza Martins de; Schneider, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora* (pp. 219-229). João Pessoa: Idéia.

- Feijó, A. M. L. C. de. (2018). Metà-hodós: da fenomenologia hermenêutica à psicologia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3), 329-339. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.7>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Haesbaert, R. (2006). *O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade* (2. ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hur, D. (2021). Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Revista Práxis Educacional*, 17(46), 275-292. Recuperado de <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8392>
- Joukhadar, Z. (2020). *O mapa de sal e estrelas*. Porto Alegre: Dublinense – TAG.
- Justo, J. S. & Vasconcelos, M. S. (2009). Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em Psicologia. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 9(3), 760-774. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a13.pdf>.
- Kastrup, V. & Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal, Rev. Psicol.*, 25(2), 263-280.
- Nobre, M. T.; Amorim, A. K. A.; Frangella, S. (2019). Etnografia, Cartografia, etnocartografar: diálogos e composições no campo da pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 24(01). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190007>.
- Oliveira Jr, O. & Prado, M. A. M. (2013). A categoria juventude em contextos rurais: o dilema da migração. In: Leite, J. F, & Dimenstein, M. (Orgs.). *Psicologia e Contextos Rurais* (pp. 58-88.). Natal/RN: EDUFRN.
- Oliveira, R. de C. M. (2014). (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 2(4), 69-87.
- Passos & Barros (2015). Por uma política da narratividade. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (4. ed., pp. 150-171). Editora Sulina. doi: 10.32813/2179-1120.2020.v13.n1.a612.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da. (2015). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Editora Sulina.
- Pelacani, B. (2018). *As lutas que educam na América Latina: A Educação Ambiental que emerge do conflito pela água em Cachoeiras de Macacu com um olhar desde a Colômbia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. Repositório da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação. Recuperado de <http://hdl.handle.net/unirio/13028>.

Pelacani, B., Sánchez, C., Alvez, C. & Renaud, D. (2019). *A Fotoescrivência como proposta metodológica para Educação Ambiental de Base Comunitária: A Re-existência sociocultural na luta pela água e pelo território no Vale do Guapiaçu (RJ)*. [ANAIS]. X Encontro Pesquisa em Educação Ambiental.

Polivanov, B. (2013). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*. 2(3), 61-71.

Preciado, P. B. (2020). Aprendendo com o Vírus. *AGB-Campinas*. Recuperado de <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>.

Queiroz, T. A. N. (2010). A produção do espaço urbano de Natal/RN: Algumas Considerações Sobre as Políticas Públicas. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*. 2(4), 2-16. Recuperado de http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/2edicao/n4/A_producao_do_espaco.pdf.

Romagnoli, R. & Silva, B. (2022). Interseccionalidade e a esquizoanálise: conquistas macropolíticas e retrocessos micropolíticos. *Psicologia & Sociedade*, (34) 1-14, e249960. doi: <http://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34249960>.

Romagnoli, R. C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*. 21(2), 166-173.

Saquet, M. A. & Mondardo, M. L. (2008). A construção de territórios na

migração por meio de redes de relações sociais. *Revista Nera*, 11(13), 118-127.

Daniele Vitória Lima da Silva. Mestre em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORCID: orcid.org/0000-0001-6291-1959

Email: danielelima@outlook.com

Maria Teresa Nobre. Psicóloga. Doutora e Mestre em Sociologia. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN.

ORCID: orcid.org/0000-0002-5085-4296

Email: tlnobre@hotmail.com

Submetido em: 08/02/2023

1ª Rodada: 12/07/2023

2º Rodada: 12/12/2023

Aceito em: 05/01/2024

Contribuição dos autores:

Conceitualização: D.V.L.S.

Redação do manuscrito: D.V. L.S.

Análise dos dados: D.V. L.S.; M.T.N.

Revisão e edição: D.V. L.S.; M.T.N.

Notas de Fim

ⁱ A escolha pela etnografia virtual se deve ao fato de que, assim, como na etnografia presencial, a imersão no campo é intensa e os modos de deixar-se contaminar/afetar pelo campo, pelos seus/suas participantes e pelos acontecimentos são experimentados em profundidade. Neste sentido, o/a pesquisador/a participa dele como membro “interno”, vivendo o campo. Esse ponto demarca a distinção entre a etnografia virtual e outras formas de etnografias online (como a netnografia, a webnografia e ciberrantropologia), o que não cabe aprofundar aqui, mas podem ser consultadas no artigo de Polivanov (2013).

ⁱⁱ Sobre a composição entre a pesquisa etnográfica e cartográfica entendida como possibilidade de uma etnocartografia ver: Nobre, Amorim & Frangella (2020).